



ENTRE O DESEJO DA UNIDADE E O REAL CONSTITUTIVO: O DISCURSO SOBRE A LÍNGUA NAS/DAS TEORIAS LINGUÍSTICAS

Anderson Lins Rodrigues¹
Mizael Inácio do Nascimento²

UM EFEITO DE INÍCIO...

Partindo do pressuposto de que o discurso da Linguística se constitui como espaço propício para a sedimentação e cristalização de imaginários sobre a língua, na medida em que a representa, legitima e institucionaliza (LAGAZZI-RODRIGUES, 2007), propomos analisar, neste trabalho, o percurso discursivo sobre as representações de língua, considerando algumas teorias linguísticas, como os estudos situados a partir das reflexões saussurianas e dialógicas. Entendemos que os efeitos de sentidos sobre a língua situam-se a partir de filiações que propõem a relação (por vezes, tensa) entre *unidade/diferença*. Para tanto, nos ancoramos na Análise de Discurso (AD) de orientação pecheuxiana a fim de discutir como essa disciplina concebe discursivamente/materialmente o objeto de estudo da Linguística – a língua.

Mobilizamos a noção de *real* da língua (GADET e PÊCHEUX, 2004) e as reflexões de Milner (1987) para problematizar esse objeto afetado pela história para significar, o que nos leva a afirmar que estamos diante de uma perspectiva materialista (linguístico-histórica). Sendo afetada por esse real, é possível ultrapassar o linguístico e olhar por entre as fissuras dessa materialidade e chegar aos processos constitutivos dos sentidos que dizem a língua – alinhados a um desejo de unicidade e/ou concebendo o real heterogêneo que a constitui ou, ainda, a partir de representações sobrepostas (ORLANDI, 2007).

UMA BREVE REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE A PRODUÇÃO DOS SENTIDOS SOBRE A LÍNGUA À LUZ DA AD

Iniciamos esta seção nos propondo a refletir sobre o percurso da *unidade/diferença* – questão central que sintetiza diversas concepções políticas na/para a representação da língua. Conforme dissemos, consideramos as reflexões de Gadet e Pêcheux (*op. cit.*) e as de Milner (*op. cit.*) quando postulam que a língua é o espaço da incompletude, da falha, do equívoco, do deslize, sendo, por isso, inapreensível em sua totalidade e completude. Aqui está posta a ideia de uma “*lalangue*” – o *real* da língua seria o impossível que habita a língua.

Trata-se da impossibilidade de tudo dizer por meio dela, ou seja, um real intrínseco a essa materialidade de que se dá conta o sujeito no momento em que tenta nela inserir-se. E isso ocorre porque, nos termos de Milner (1987, p. 18), “o fato de língua consiste nisso que na *alíngua* haja o impossível: impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira. Reconhece-se aí facilmente a partição do correto e do incorreto que ocupa lugar central nas gramáticas e nas

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPE).

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPE) e professor da UFRPE.



descrições linguísticas” (a “não-língua”). Aqui, entende-se que, nos termos milnerianos, a língua não é uma e a linguagem é estruturalmente heterogênea.

Entendida enquanto espaço heterogêneo e diverso, a língua é sujeita a falhas, tem fissuras, é clivada, cindida e, portanto, inapreensível em sua totalidade, indomesticável. É fluida. Essa representação disputa espaço com a perspectiva unitária, que reforça o imaginário de uma língua indivisa, pura, sem reflexos da sociedade. A língua código, normatizada, disciplinada e regulamentadora. Imaginária.

Essas “duas línguas” mobilizam conceitos que a elas se relacionam: uma é do nível da *organização*, da codificação; a outra é do nível da *ordem*, do real heterogêneo que a constitui e, por isso, é sujeita a falhas e exposta ao equívoco.

Orlandi (2007, p. 47) sinaliza para uma melhor distinção entre a organização e a ordem da língua, quando considera que, relacionada à *organização*, estão sentidos de regra, sistematicidade, linearidade; ao passo que a *ordem* está no nível da falha e do funcionamento, que só podem ser observados se levarmos em conta que a história ultrapassa os limites da sistematicidade linguística. “Ultrapassando desse modo a organização (regra e sistematicidade), podemos chegar à ordem (funcionamento, falha) da língua e da história (equívoco, interpretação)”. O conhecimento dessa ordem possibilita a apreensão dos mecanismos de produção de sentidos, determinados pela relação do sujeito com a história.

A teoria do discurso permite o deslocamento da língua-sistema de signos para a língua materialidade do discurso – base comum para diferentes processos discursivos e, por isso, eminentemente opaca. Nessa perspectiva, o exterior lhe é constitutivo, ainda que não se possa dizer tudo por meio dela.

A REPRESENTAÇÃO DA LÍNGUA E DE SUA HETEROGENEIDADE NO JOGO ENTRE A UNIDADE E A DIFERENÇA NAS/DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS

Objeto de muitas discussões e conceptualizações, em torno da língua se instauram diversos embates na tentativa de defini-la, de cercar seus atributos, suas finalidades, seus sentidos. Os contornos da língua são, portanto, espaços passíveis a representações diversas, a depender da filiação de sentido a que nos reportamos na tentativa de *dizer* esse objeto.

Propomos, a partir de então, aprofundar essa discussão por meio do “confronto” estabelecido entre algumas perspectivas teórico-conceituais acerca da língua. Para tanto, lançamos algumas considerações sobre possíveis gestos de interpretação sobre a língua que se filiam a sentidos sobrepostos, sobredeterminados que se situam entre a *unidade/homogeneidade* e/ou a *diferença/heterogeneidade*.

Esse olhar para o discurso das perspectiva(s) teórica(s) – considerando que cada teoria linguística é um espaço de configuração política que articula sentidos à língua, e não o discurso, *em si*, único – é possível na medida em que concebemos a língua em sua incompletude, o que,



necessariamente, nos permite contemplar os trajetos, as (des)continuidades, os silêncios instaurando os percursos do saber sobre esse objeto que se configura no espaço político das teorias.

Nesse trabalho, concebemos que as teorias são espaços de *organização discursiva* resultantes de processos e percursos de institucionalização dos sentidos. Ao defender essa noção, estamos afirmando que “filiar-se a uma teoria é reconhecer-se frente a determinadas possibilidades de perguntas e de práticas científicas, em determinadas condições de produção” (ORLANDI, 2007, p. 11).

Pelo exposto, entendemos que não estamos em busca de uma suposta *verdade* da língua. Intencionamos, a partir da análise do funcionamento polêmico do discurso das teorias linguísticas em tela, refletir sobre os efeitos de sentidos que representam esse objeto.

CIÊNCIA, IMAGINÁRIO LINGUÍSTICO E A HERANÇA SAUSSURIANA

Estabelecemos aqui como recorte para avançar na discussão, a fundação da Linguística “moderna” a partir do lançamento do Curso de Linguística Geral (1916) – obra póstuma que reuniu apontamentos e observações sobre a estrutura da língua veiculados nas aulas ministradas pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). As ideias estruturalistas atribuídas a Saussure tiveram ampla repercussão e influência no conjunto das teorias científicas do século XIX e, no que diz respeito à Linguística, problematizaram as relações entre as instâncias da língua a partir de dicotomias.

As dicotomias saussurianas³ - muito possivelmente influenciadas pelo dualismo platônico – são estabelecidas por meio de pares opostos: de um lado está uma entidade concreta/empírica/perceptível; de outro, uma entidade abstrata/dedutível/idealizável. É nesse extremo virtual onde se insere a perspectiva dos estudos sobre a língua (*langue*) em oposição à fala (*parole*).

O recorte que Saussure estabelece para observar o fenômeno da língua(gem) elege a língua como objeto teórico da Linguística.

As observações de Saussure incidem sobre a proposta de um estudo sincrônico e descritivo da língua. Desse ponto de vista, a língua é um sistema “abstrato, homogêneo, composto de todas as realizações potenciais de expressão, formado por unidades que se opõem entre si, compartilhado por todos os falantes de um grupo social; é invariável pois não pode ser alterado por nenhum falante individual.” (BAGNO, 2003, p. 45).

Essa concepção, ao que nos parece, propõe, ao mesmo tempo, que a língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros e também um conjunto de convenções necessárias que são adotadas por uma comunidade linguística para se comunicar. A língua, então, estaria “depositada” como um produto social na mente de cada falante de uma comunidade, que não pode inventá-la, criá-la, tampouco modificar esse sistema linguístico em que versa.

³ As quatro dicotomias saussurianas mais conhecidas no campo da Linguística são: 1) Língua – Fala; 2) Significado – Significante; 3) Sincronia – Diacronia; e 4) Paradigma – Sintagma. Nesse trabalho, não discutiremos tais dicotomias, visto que nos interessamos especificamente pelas representações de Língua.



É possível, então, perceber que as bases que orientam essa representação de língua são eminentemente homogeneizantes, haja vista que está posta uma concepção da “língua, em si mesma, para si mesma”, resultado da relação entre os elementos que compõem o sistema da língua. Aqui está, mesmo com o “revestimento” do discurso da ciência, o “retorno” da ideologia unitária acerca da língua, propondo que esse objeto é imutável, abstrato e sem apresentar quaisquer ressonâncias políticas. Os gestos de interpretação dessa concepção são, sem dúvida, tradicionais e unitários.

Ainda de acordo com essa representação, a língua é uma entidade autônoma, um sistema fechado que pode ser analisado sem interferências de ordem histórica e social. Esse entendimento resulta na valoração de cada termo que compõe o sistema linguístico, ou seja, cada termo tem seu valor por oposição a todos os outros termos.

O avesso da língua, segundo a proposta da primeira dicotomia saussuriana, é a fala – realização individual do falante ou, ainda, possibilidades que lhe são oferecidas pela língua. A leitura que Pêcheux (2009) faz dessa dicotomia possibilita que percebamos a língua como fundo invariante, a partir do qual a fala atualiza a faculdade da linguagem.

A fala é um ato... Ela pressupõe um contexto, uma situação concreta e determinada. A língua, ao contrário, é um sistema virtual que só se atualiza na e pela fala. Não é menos verdade que os dois princípios são interdependentes: a língua não é senão o resíduo de inumeráveis atos de fala, enquanto que estes são apenas a aplicação, a utilização dos meios de expressão fornecidos pela língua. (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 70).

Acerca da inserção do social nessa concepção estruturalista da língua, analisamos que apenas reside no fato de que a língua é abstraída e compartilhada por todos os falantes de um grupo social. No entanto, cremos que aqui está posta uma representação de “social” que se assemelha à língua virtual, isto é, igualmente esquemática, abstrata e homogênea.

Pelo que foi exposto, notamos que o escopo da linguística estrutural é o sistema da língua, que é composto de elementos que se opõem, que se distinguem uns dos outros. Não é, pois, relevante o aspecto material, concreto, empiricamente coletável, mas tão-somente o sistema abstrato, formalizado em regras. Configuração imaginária que guarda relações de sentidos muito estreitas com a ideologia que professa a *unidade* na/da língua.

No entanto, percebemos que, a partir de Saussure, os estudos linguísticos concentraram-se na observação do mecanismo pelo qual uma dada língua funciona enquanto meio de comunicação entre seus falantes e na descrição da estrutura que a caracteriza essa língua. Aqui, pois, reside uma distinção substancial entre o discurso tradicional e o da Linguística: esse último explicita, enumera e classifica a estrutura das frases, dos morfemas e das regras de combinação do sistema da língua, o que nos permite dizer que é um trabalho que se propõe a definir, classificar e interpretar esse sistema.

O IMAGINÁRIO DIALÓGICO DA LINGUAGEM

O filósofo Mikhail Bakhtin/Volochínov (1981) reivindica a mobilização de outra concepção, diferente da preconizada pelo Estruturalismo de Saussure que “não só pode prescindir de outros



elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão presentes.” (SAUSSURE *apud* INDURSKY, 2005, p. 102). Para o filósofo russo, a língua não poderia se reduzir a uma concepção sistêmica, mas necessitava dar conta das relações sociais e interindividuais. Em outras palavras, as relações entre indivíduos se estabeleceriam pelo viés linguístico, logo a língua seria uma atividade/fato social que se funda nas necessidades de comunicação entre indivíduos necessariamente inscritos no social.

Partindo desse contexto de reflexões, percebemos que os efeitos de sentidos sobre a língua postulam a natureza social em detrimento da individual e, por isso, a língua reflete os conflitos e confrontos entre valores sociais, o que nos leva a pensar o objeto língua em seu aspecto heterogêneo, suscetível a mudanças de ordem histórica e cultural.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1993, p. 123).

Decorre da constatação de que, se a língua é um reflexo da ordem social, em havendo modificação nas estruturas sociais, haverá modificação na língua. Nesse caso, pelo fato de refletir as variações sociais, a língua é, por excelência, heterogênea e variável – gestos de interpretação que tomam a *diferença* como aspecto constitutivo da língua.

Seguindo esse percurso argumentativo, propomos, a partir de Mikhail Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*), pensar as noções de *dialogia* e *polifonia*, uma vez que estão diretamente relacionadas à constituição dessa representação heterogênea de língua.

À ideia de dialogia está associada a coexistência de falas de sujeitos diferentes em um espaço discursivo/enunciativo, ao passo que a polifonia é inerente a qualquer ato linguístico, de tal forma que a língua não tem existência por si só, mas em conjunção com uma enunciação “real”, através da qual ela entre em contato com as formas sociais e concretas da interação verbal. Explicando, com outros termos, respectivamente a dialogia e a polifonia:

...as palavras não são neutras na língua, isto é, nelas encontram-se as posições de outros, a enunciação de cada falante contém, implicitamente, os pontos de vista de outros discursos anteriores [e] num mesmo discurso encontram-se explicitamente, ou não, vozes de sujeitos diferentes. (GUIMARÃES *In*. ZANDWAIS, 2005, p. 155).

Fica claro, então, que, com as noções de polifonia e dialogia, é possível a consideração de diferentes vozes sociais no conjunto de reflexões de Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*), contrariando a crença no aspecto *monológico* da língua. O monologismo seria um efeito da concepção unitária que orienta os gestos de interpretação sobre a língua, haja vista que o efeito ideológico elementar de tal concepção funciona como um mascaramento do *dialogismo* subjacente/inerente à língua – repleta de vozes sociais. Podemos, a partir do exposto, estabelecer possíveis relações de sentidos entre o discurso da *unidade* e o monologismo, ao passo que os sentidos da *diferença* da/na língua se relacionam com o dialogismo.



Sem dúvida, de acordo com as reflexões defendidas por Bakhtin, percebemos que há, necessariamente, a mobilização de uma noção de língua distinta da visão sistêmica e abstrata que exclui a exterioridade, o social. Na medida em que as ideias *dialogistas* concebem que a estrutura da língua é social e só se efetiva entre falantes, a interação se constitui como um pressuposto basilar da língua.

CRIANDO UM EFEITO DE FECHO...

Para efeitos de conclusões parciais sobre as duas configurações imaginárias sobre a língua aqui discutidas, sintetizamos as representações que se alinham a uma e/ou outra perspectiva, evidenciando, de início, as discursividades sobre a *unidade* da língua: a) prevalência de um imaginário de língua como sistema unitário, autônomo e, por isso, independente das injunções histórico-sociais; b) desconsideração do “usuário” da língua como sujeito pertencente a uma sociedade/cultura; e c) desprezo à natureza interacionista, dialógica e ideológica da língua(gem). Pelo exposto, é possível perceber que as discursividades da *unidade* da/na língua põem em jogo o aspecto da *univocidade*, à medida que contempla esse objeto abstratamente construído. Aqui, o exterior da língua é um interdito.

Situando-se em outro campo de representações, estão os sentidos que postulam a *diferença* como aspecto que constitui a língua, com a proposta de conceber a língua como um trabalho empreendido entre falantes e, por isso, a língua seria uma atividade social, dialogal, heterogênea, variável. Efeitos de sentidos que corroboram a perspectiva da *diferença*, da pluralidade de usos, da dialogia: a língua em exercício por sujeitos que interagem mediante determinações sociais.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

GADET, Françoise; HALK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. O político na Linguística: processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, Eni P. *Política linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

MILNER, J. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni P. *A leitura proposta e os leitores possíveis*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. *Política linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. *Terra à vista: discurso e confronto: velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral (1916)*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.